

A menina que deixou de sorrir

Mia era, no geral, uma menina muito alegre, mas tinha um problema: sentia tudo com muita intensidade. Não que isso fosse propriamente um problema para ela, mas a sua mãe não gostava lá muito, porque achava que as emoções dela eram totalmente exageradas. Deixo-vos alguns exemplos.

Mia adorava brincar na rua, mas um dia o tempo não estava muito propício para brincadeiras ao ar livre: estava vento, chovia e, a qualquer momento, começaria a trovejar. A mãe de Mia disse-lhe que não podia ir para a rua nesse dia. Mia ficou extremamente aborrecida. Tão aborrecida que os seus suspiros se ouviam em toda a aldeia (e a aldeia não era assim tão pequena). A mãe dizia-lhe:

-Mia, pára com isso! Não é possível estares assim tão aborrecida!

Sempre que a mãe de Mia dizia isto, a avó, a Dona Júlia, respondia sempre:

-Ó filha, deixa estar a menina!

A avó respeitava sempre as emoções de Mia, porque também ela, quando era jovem, sentia tudo com muita intensidade, mas foi educada de modo a escondê-lo. Educação essa que lhe ficou para a vida, como se vivesse sempre oprimida, ainda que tendo liberdade...Quantas vezes não nos sentimos assim: livres, mas aprisionados?

Num outro dia, Mia recebeu o seu primeiro livro. Ficou tão feliz, tão feliz que as suas lágrimas de felicidade inundaram toda a aldeia que, como se disse, não era assim tão pequena. E a mãe de Mia tornou a dizer:

-Mia, pára com isso! Não é possível estares assim tão feliz por causa de um livro.- Nós, leitores, sabemos bem que isso é possível.

E a avó também tornou a dizer:

-Ó filha, deixa estar a menina!

Assim ia a vida de Mía: uma vida de emoções intensas. Até que a normalidade acabou.

Hoje, quando se levantou, Mía não sentiu nada: não tinha sono, não tinha preguiça, não reclamou por ter de se levantar, nada!

Mía não sentia nada, mas não era a única. Toda a aldeia tinha deixado de sentir. As casas, as empresas, os pastos, os animais todos eles tinham deixado de sentir e, pior, tinham perdido a cor! Tudo estava cinzento, um cinzento pesado, cor de chumbo.

Todos tinham deixado de sentir, até a Dona Júlia, aquele espírito sempre alegre. Todos, exceto a mãe de Mía, que era a única que ainda tinha cor.

-Mía, como estás hoje?- perguntou a mãe, tentando confirmar as suas suspeitas.

Mía não respondeu, não sorriu, não chorou, não suspirou.

A mãe estava a começar a desesperar, até que teve uma ideia: *se eu recriar as situações onde Mía sentiu com intensidade, talvez ela reaja!* Sem saber se aquilo iria funcionar ou não, resolveu tentar.

Começou por recriar um dos aniversários mais felizes de Mía: fez um bolo, pendurou balões, arranjou alguns presentes. Esperançosa, chamou Mía. Esperou vê-la sorrir muito e chorar de felicidade, mas Mía não sorriu, nem chorou. Continuou cinzenta e apática.

A mãe ficou desiludida, mas não desistiu. Decidiu recriar uma noite de tempestade em que Mía tinha tido muito medo. Pediu às nuvens que deitassem a sua chuva mais forte e ao vento que soprasse o mais forte que conseguia. Esperou que Mía tivesse medo, mas Mía não teve medo. Continuou cinzenta e apática.

Decidiu fazer mais uma tentativa: ofereceu-lhe muitos livros. Esperava que Mia estivesse feliz, mais feliz do que nunca, mas Mia não ficou feliz. Continuou cinzenta e apática.

A mãe de Mia sentou-se num muro à porta da sua casa. Desistira e começara a chorar. Ela nunca chorava - aliás, nunca dava sinais de sentir grandes emoções. Chorou como nunca o tinha feito na vida. As suas lágrimas começaram a correr pela rua, ao mesmo tempo em que aflagava o seu gatinho, que também não conseguia sentir o carinho da dona.

Até que, de repente, o gatinho começou a ganhar cor. As *suas* cores. A mãe de Mia apercebeu-se disso e, ainda com o nariz ranhoso, começou a olhar para ele. Começou a perceber que a relva estava a ficar novamente verde e o céu novamente azul.

Começou a ganhar esperança. Nisto, olhou para a filha que estava a voltar à vida, assim como a sua mãe. Tudo estava a voltar à normalidade. Mia olhou para a mãe e sorriu. A mãe correu para ela, abraçou-a e chorou, chorou.

-Filha, nunca pares de sorrir, nem de chorar, nem de rir, nem de ter medo! Nunca mais faças isso à mãe!

Dona Júlia observava atentamente, ao longe, feliz por a filha ter finalmente compreendido aquilo que ela percebera há alguns anos: são as emoções que nos salvam, que nos dão vida!

A filha tinha percebido isso da pior forma e, por isso, só quando chorou intensamente é que o mundo voltou à normalidade, porque as emoções são capazes de dar vida aos corações mais gelados e estes, por vezes, só precisam que lhes mostrem como seria um mundo sem emoções!

Esta é a história de Mia, a menina que ensinou a mãe a sentir!